



# A veloz corrida à vacina que pode travar a covid-19

**Há duas dezenas** de iniciativas em curso, com apoios públicos e uma colaboração privada sem precedentes | **As potências mundiais** que concorrem para anunciar a primeira cura

PRIMEIRA LINHA 12 a 14

Área: 1695cm² / 60%

Tiragem: 16.981

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6794969



# Veloz e furiosa: a corrida por uma vacina em tempos de pandemia

**Há duas dezenas de vacinas para a covid-19 em desenvolvimento, com apoios públicos e colaboração privada sem precedentes para investigar e preparar fábricas e logística até ao início de 2021.**

**ANTÓNIO LARGUESA**

alarguesa@negocios.pt

**D**as gigantes farmacêuticas, como a americana Johnson & Johnson, a alemã CureVac, a britânica GlaxoSmithKline ou a francesa Sanofi, até companhias de biotecnologia mais pequenas – como a Moderna Therapeutics (Boston, EUA) e a CanSino Biologics (Tianjin, China), as primeiras a avançar para testes clínicos –, dezenas de empresas estão a protagonizar a corrida mais veloz de sempre por uma vacina, potenciada por milhares de milhões de euros de financiamento de filantropos e dos governos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, além de cerca de 30 medicamentos possíveis identificados pelos laboratórios, já há 20 vacinas em desenvolvimento para combater o novo coronavírus. A expectativa mais otimista é que esteja disponível daqui a 12 a 18 meses. Ainda assim, sustenta ao Negócios o diretor executivo da Apifarma, Heitor Costa, “habitualmente, em cada dez conseguimos encontrar uma vacina com sucesso, [o que] significa que podemos ver luz ao fundo do túnel”. “É um bom sinal que nesta fase já tenhamos 20 doses de esperança de que

venhamos a ter uma vacina eficaz, pelo menos”, resume.

Para já, como explica Carla Benedito, que trabalha há duas décadas na indústria farmacêutica, nos próximos meses as empresas vão estar na fase de verificar a segurança. Só depois avaliam a eficácia, o que exige ensaios mais complexos. As principais autoridades regulatórias, como a Agência Europeia do Medicamento e a americana Food and Drug Administration, já sinalizaram que podem agilizar o processo de avaliação clínica, sem aceitar atalhos. “Há linhas vermelhas que não se ultrapassam porque está em causa a segurança do doente. E a eficácia também é um pressuposto. Como nenhum medicamento é isento de efeitos adversos, o risco poderia não ser ultrapassado pelo benefício”, alerta o porta-voz da indústria em Portugal.

## Produção em escala

A par deste imediato desafio científico, a curto-médio prazo surgem outros igualmente dispendiosos ao nível da infraestrutura fabril, da distribuição e da logística, uma vez que vai ser preciso produzir e entregar milhões de unidades à escala planetária. A responsável em

Portugal pela farmacêutica Takeda, que através da tecnologia de fracionamento do plasma está a tentar remover os anticorpos de doentes recuperados da covid-19, acredita que as empresas envolvidas nesta vacina já estão a pensar no aumento da escala produtiva. “Nós estamos na fase inicial do medicamento e prevemos entre 9 a 18 meses para haver um produto comercial disponível, mas na fábrica já temos identificadas áreas onde podemos fazer a produção”, exemplificou Carla Benedito.

Ainda assim, face à dimensão dos stocks necessários, a gestora antecipa que “vai levar alguns anos até conseguirmos vacinar a população em larga escala”. Luís Graça, investigador do Instituto de Medicina Molecular, sublinha que “não será necessário que chegue ao mesmo tempo a toda a gente”. “Vai ser disponibilizada a grupos mais vulneráveis e depois estendido ao resto da população à medida que a produção for sendo escalada”, acrescenta o especialista em imunologia.

## Investimento público e colaboração privada

Há “poucas iniciativas governa-

“

**Vai levar alguns anos até conseguirmos vacinar a população em larga escala.**

**CARLA BENEDITO**

Diretora-geral da farmacêutica Takeda em Portugal

## POTÊNCIAS MUNDIAIS CONCORREM PELA CIÊNCIA

O desenvolvimento de uma vacina contra o novo coronavírus tem contado com os avultados recursos disponibilizados pelos governos. Embora o esforço seja global - e por vezes partilhado -, as maiores potências mundiais também concorrem entre si para anunciar a primeira vacina.

### Canadá

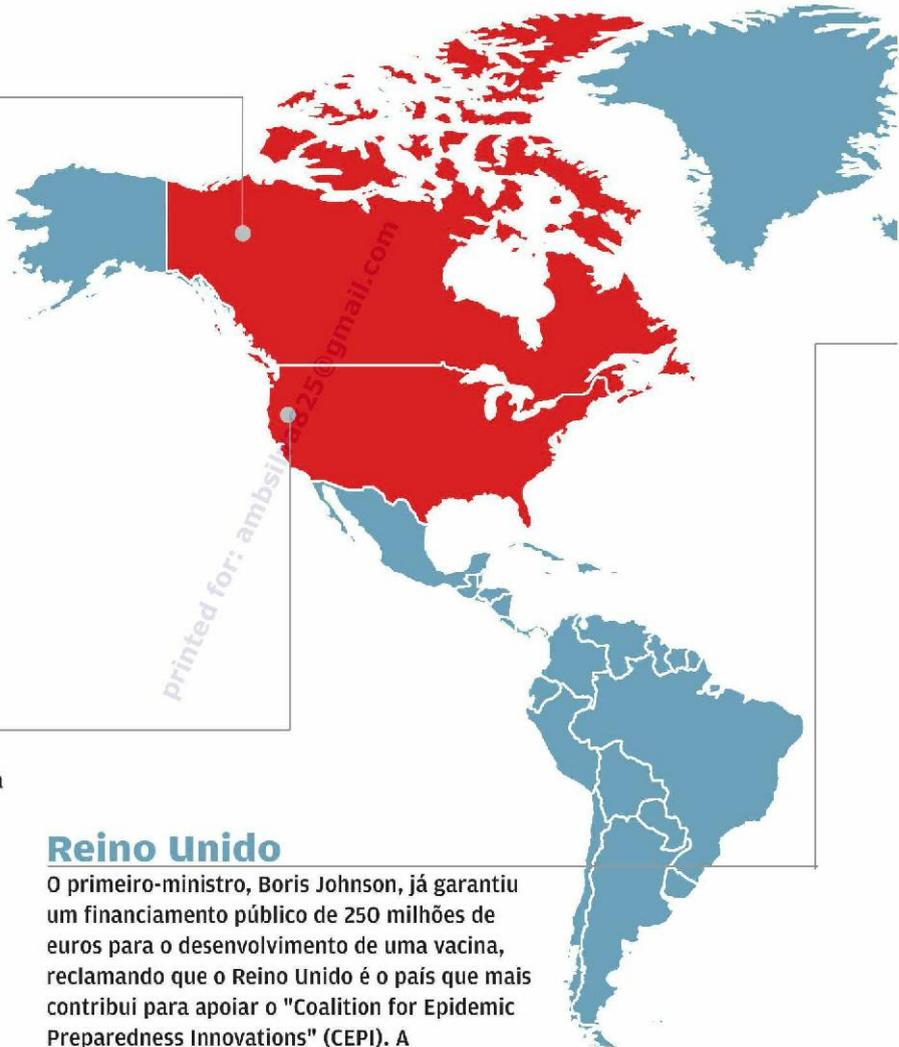
O governo federal canadiano preparou um fundo no valor de 192 milhões de dólares para apoiar as empresas no desenvolvimento de uma vacina. A Medicago, uma biotecnológica do Quebec, foi uma das companhias privadas que já confirmaram que vão utilizar o dinheiro para financiar testes pré-clínicos e experiências em humanos, além de expandir o laboratório para produzir uma maior quantidade de vacinas, em número suficiente para fornecer à população do país.

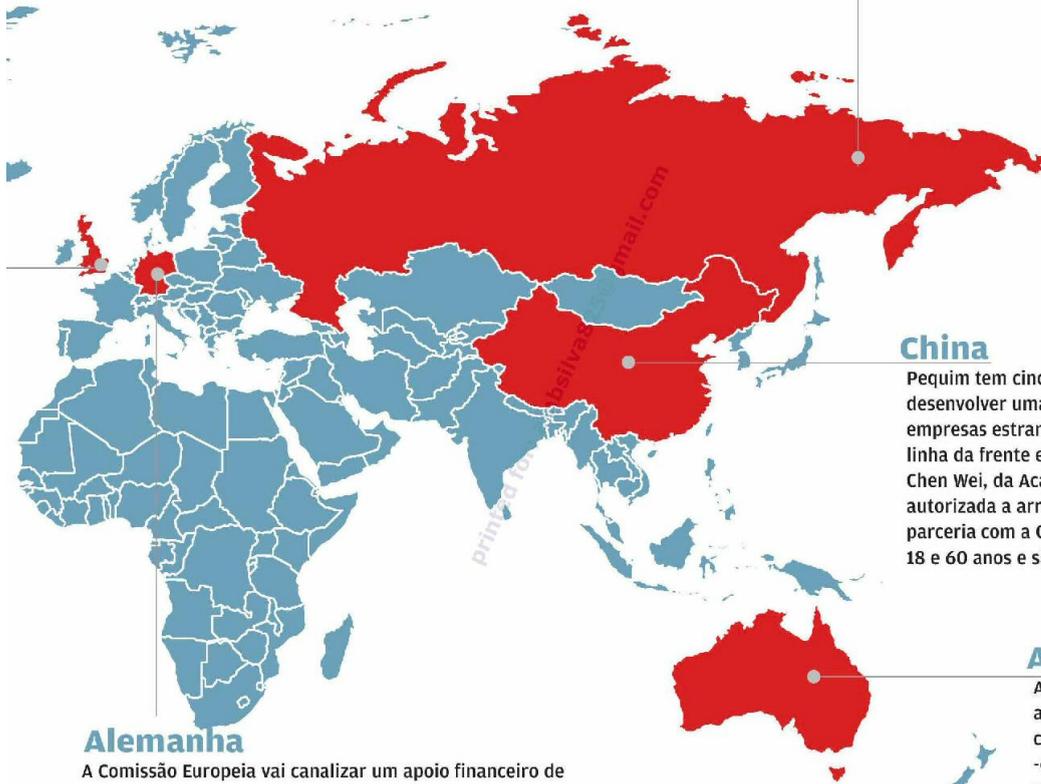
### EUA

A Casa Branca fechou um acordo com a Johnson & Johnson e com a Moderna Inc e está a negociar com outras duas apoios para o desenvolvimento de vacinas, prevendo apoiar até seis projetos. Só o acordo com a primeira empresa, que prevê iniciar o teste em humanos até setembro, traduz-se num investimento de mil milhões de euros celebrado com a Autoridade para a Pesquisa e Desenvolvimento Biomédico Avançado dos EUA.

### Reino Unido

O primeiro-ministro, Boris Johnson, já garantiu um financiamento público de 250 milhões de euros para o desenvolvimento de uma vacina, reclamando que o Reino Unido é o país que mais contribui para apoiar o "Coalition for Epidemic Preparedness Innovations" (CEPI). A Universidade de Oxford já está a recrutar voluntários saudáveis para testar uma vacina, com os testes a arrancarem nas próximas semanas no sudeste do país.





## Rússia

A Rússia está a testar várias vacinas e medicamentos para a covid-19, alegando que os investigadores encontraram anticorpos no sangue de 11 pacientes recuperados. A vice-primeira-ministra, Tatyana Golikova, disse que foi produzido um sistema de teste que permite aos cientistas estudar a eficiência das vacinas e que vários protótipos foram desenvolvidos, prevendo terminar até 22 de junho os estudos pré-clínicos, tendo já 60 voluntários.

## China

Pequim tem cinco iniciativas em curso no país para desenvolver uma vacina, três delas em colaboração com empresas estrangeiras (EUA, Alemanha e Reino Unido). Na linha da frente está a equipa liderada pela epidemiologista Chen Wei, da Academia de Ciências Médicas Militares, que foi autorizada a arrancar com ensaios clínicos em humanos, em parceria com a CanSino Biologics. Os voluntários têm entre 18 e 60 anos e são todos oriundos da cidade de Wuhan.

## Austrália

A agência nacional de ciências da Austrália anunciou no final da semana passada que começou a primeira etapa de testes pré-clínicos em furões para duas possíveis vacinas, estimando que deverão demorar três meses. São o resultado de uma parceria entre uma universidade britânica e um laboratório norte-americano e vão decorrer nas próximas semanas num laboratório de alta segurança localizado na cidade de Geelong, no estado de Victoria.

## Alemanha

A Comissão Europeia vai canalizar um apoio financeiro de até 80 milhões de euros à alemã CureVac, de Tübingen, para amplificar o desenvolvimento e produção de uma vacina contra o novo coronavírus. Um apoio dado sob a forma de uma garantia a um empréstimo do Banco Europeu de Investimento (BEI), no âmbito do mecanismo InnovFin e do Horizonte 2020. Na Alemanha, também a BioNTech está a colaborar com a gigante americana Pfizer.

mentais com melhor retorno sobre o investimento do que a vacinação”, seja ao nível da poupança de vidas humanas – 2,5 milhões por ano –, da melhoria da qualidade de vida, da redução da pobreza ou do crescimento económico. A perspectiva é de Jerome H. Kim,

# “

## A indústria encontrará

## soluções, respeitando a propriedade intelectual, para todos acederem à vacina.

**HEITOR COSTA**

Diretor executivo da Apifarma diretor-geral do Instituto Internacional de Vacinação (IVI), que à imprensa coreana falava num processo “longo, caro e complexo” para as empresas, com uma taxa de fracasso de 90%.

Por regra, os governos já investem muitos milhões na investigação científica. Para esta vacina, esse esforço disparou por haver o interesse generalizado para que as companhias avancem rapidamente, com os institutos nacionais a colaborarem mais ativamente com os cientistas privados. Francisco Veiga, presidente da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, percebe que “cada país queira obter

essa vacina com a maior urgência para salvaguardar a saúde dos seus cidadãos e assim ajudar a economia, mas isso de pouco adianta se o resto da economia mundial estiver parada”.

Do lado da indústria, Carla Benedito rejeita as leituras de estratégia política. “Todos estão a tentar desenvolver a sua própria vacina, mas vivemos num mundo aberto à transferência de conhecimento e em que a informação é partilhada. Se os alemães amanhã tivessem uma vacina, seguramente a partilhariam.” O diretor executivo da Apifarma começa por lembrar que “as vacinas são protegidas por patente”. Neste caso, concorda Heitor Costa, “sendo uma pandemia que atinge o mundo inteiro, com certeza que a indústria encontrará soluções colaborativas, respeitando a propriedade intelectual, para todos acederem à vacina”. ■

“

**De pouco adianta um país obter a vacina se a economia mundial estiver parada.**

#### FRANCISCO VEIGA

Presidente da Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho

### TOME NOTA

## Quatro fatores a puxar por esta vacina

Se forem cumpridas as expectativas da indústria farmacêutica e das autoridades políticas, esta vacina vai chegar ao mercado num tempo recorde, beneficiando de condições especiais.

### LIÇÕES DOS OUTROS CORONAVÍRUS

As investigações em curso beneficiam do já tinha sido estudado sobre como desenvolver vacinas para as anteriores duas epidemias causadas por coronavírus: a Sars, síndrome respiratório agudo grave (China 2002-2004); e a Mers, síndrome respiratório do Médio Oriente (2012).

### GENÉTICA PARTILHADA POR CHINESES

Outro fator relevante foi a velocidade sem precedentes do processo de sequenciação do mate-

rial genético do Sars-CoV-2, graças ao esforço dos chineses que o partilharam com todo o mundo logo em Janeiro, permitindo o avanço de grupos de investigação sobre como invade as células humanas e faz adoecer as pessoas.

### MAIOR COLABORAÇÃO NA INDÚSTRIA

Também a indústria farmacêutica decidiu ver o que tinha em “pipeline”, tornar mais aberto os seus anteriores projetos de investigação e colaborar no desenvolvimento para apressar esta vacina: com a academia, institutos de diversos países e vários laboratórios.

### MAIS DINHEIRO E FLEXIBILIDADE

Num cenário de epidemia, com o número de infetados e de mortes a multiplicar-se, os principais países mundiais e a União Europeia abriram os cordões à bolsa para financiar o desenvolvimento de uma vacina. E as autoridades de regulação, como a Agência Europeia do Medicamento, estão a facilitar todos os processos de aconselhamento e a aplicar isenções de taxas.